Acta Scientiarum

http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 1679-7361
ISSN on-line: 1807-8656
Doi: 10.4025/actascihumansoc.v36i1.21581

Os territórios funcional e simbólico na visão de jovens ligados a drogas do aglomerado Santa Lúcia, Belo Horizonte, Minas Gerais

Doralice Barros Pereira

Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Avenida Antônio Carlos, 6627, 31270-901, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: pereiradb@yahoo.com.br

RESUMO. A circulação de jovens no mundo do tráfico e do consumo de drogas pode constituir um eixo analítico profícuo para esclarecer mais e melhor as condições de dignidade humana em aglomerados urbanos metropolitanos. Os relatos foram colhidos por três pesquisadores em três sessões de conversação psicanalítica com 32 jovens traficantes em três regiões do aglomerado Santa Lúcia, de agosto a dezembro/2010 (GUERRA; FRANÇA NETO, 2012; GUERRA; PINHEIRO, 2011). A fim de resguardar os depoentes, procedemos somente agora à análise desses relatos, para verificar a percepção desses jovens quanto à apreensão do território, tanto funcional como simbólico, em seus movimentos e relações com a metrópole de Belo Horizonte e seus espaços imediatos. Para manter suas vidas e guardar laços e/ou distâncias em relação à rede do tráfico, sempre sob vigilância declarada e velada, os jovens adotam certas condutas e estratégias, prudentes e/ou ousadas, em seus deslocamentos, que comunicam discernimento e segurança. Elas se mostraram eficazes para alguns dos jovens que ainda se mantêm vivos mesmo face à presença da rede de drogas e tudo o que ela exige. Um circuito de incertezas iminentes se revela e pode levar ao desaparecimento de parte do grupo.

Palavras-chave: metrópole, circulação, jovens de aglomerado, segurança.

Functional and symbolic territories perceived by young people involved with illicit drugs in the Favela Santa Lucia (housing estate) Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil

ABSTRACT. The circulation of young people who deal with or use illicit drugs may be quite a rich study to explain deeper and better the conditions of the individuals´s dignity in urban metropolitan estates. Data was collected by three researchers during three psychoanalytical sessions involving 32 young people who deal with drugs in three different areas of the Favela Santa Lucia (housing estate), between August and December 2010 (GUERRA; FRANÇA NETO, 2012; GUERRA; PINHEIRO, 2011). In order to protect and safeguard the interviewees, only now data could be analyzed to investigate the young people´s perception with regard to the appropriation of both functional and symbolic territories, to their movements and relationships with the state´s capital city and its immediate surroundings. The young people interviewed adopted a certain conduct and specific strategies which were prudent and/or daring in nature, within their movements that may be translated in judgment and safety. These measures have proven effective for some of the young people who managed to be alive in spite of the presence of a drug network and all that it entails. There are sets of imminent uncertainties that may lead to the loss of some individuals in this group.

Keywords: metropolitan, circulation, young people in housing estates, safety.

Introdução

É sempre muito oportuno pensar o momento/movimento da história de cada geração que, de modos diversos, pode agir, lidar e lutar por sua existência no mundo no qual se insere. As ações são

> [...] motivadas por formas de desrespeito (negação de direitos e exclusão, depreciação e insulto), que são a negação das formas de reconhecimento [...] essas formas de desrespeito ameaçam respectivamente a integridade física, a integridade social e a dignidade (HONNETH, 1994 apud SILVA, 2000, p. 126).

A temática toca a todos nós a partir de experiências variadas, em intensidades e sensibilidades. Para Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca. Seu saber, distinto do saber científico, do saber da informação, provém de uma práxis diversa daquela que se funda a partir da técnica e do trabalho. Sua essência está vinculada ao modo como os seres humanos respondem àquilo que lhes acontece ao longo da vida, atribuindo sentido a esses acontecimentos. É um saber que revela ao homem o seu sentido ou o sem-sentido da

sua existência. Essas características, fundamentais para um contexto metropolitano, ajudam-nos a indagar: como é/está a vida dos jovens envolvidos com drogas nos aglomerados da metrópole?

Para ilustrar nosso objetivo - de verificar como os jovens consultados percebem a apropriação (em qualidade e atributos) do território, tanto funcional como simbólico, em seus movimentos e relações com a metrópole de Belo Horizonte e seus espaços imediatos - recorremos aos relatos compilados por Guerra e PINHEIRO (2011). Interessou-nos identificar a pluralidade de interpelações quando o sujeito é chamado a existir (na acepção de PÊCHEUX, 1996). Para esses jovens influenciados pelas drogas, seus movimentos estão submissos às leis e infrações, num cotidiano que se faz hodiernamente segundo:

> [...] aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar e o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (DE CERTEAU, 1996, p. 31).

Assim, quais elementos são centrais ao cotidiano, à adolescência e à sobrevivência desses jovens em sua relação com o território? Nessa discussão, em termos de procedimentos metodológicos, entrelaçamos principalmente a categoria de análise da geografia – o território –, às falas dos jovens cotejadas pelo diálogo com a literatura. As conversações com os jovens ocorreram nos espaços oferecidos por eles, como a 'boca de fumo', um beco, a sala de estar de uma casa ou uma clareira. Vários jovens entravam e saíam da conversação. A aproximação inicial com o universo dos jovens inscritos no Núcleo Santa Lúcia foi efetuada por meio do Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo!, da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais. Após cerca de 12 idas a campo iniciaram-se as conversações, que foram transcritas e analisadas com base na análise do discurso de linha francesa, baseada especialmente em Michel Pêcheux, que, por sua vez, associa-se à lógica da psicanálise estruturalista lacaniana. Foram ouvidos 32 jovens, a maioria diretamente envolvida no tráfico de drogas ilícitas. A seleção dos respondentes ocorreu através de amostra não probabilista intencional, portanto, não representativa da situação na qual 'o pesquisador está interessado na opinião (ação, intenção, etc.) de determinados elementos da população' (MARCONI; LAKATOS, 1996 apud GUERRA; PINHEIRO, 2011; GUERRA; FRANÇA NETO, 2012).

Uma síntese, que une imanências da experiência possível, captando a realidade por meio dos 'sentimentos de mil sentidos' (CHIRINO, 2012), compuseram a análise da segunda parte desse artigo. Os relatos transcritos e comentados ocultaram a identificação dos jovens, mas mantiveram-se fiéis às suas expressões e falas.

O 'continuum' entre os territórios funcional e simbólico: apropriações

Pensar a cidade e o urbano modernos implica considerar o espaço como produto social que demanda o entendimento de 'produção', de 'produto' e de suas relações. O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio ou, então, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos. À sua maneira, produtivo e produtor, o espaço entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito engendra uma dialética: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais e de relações de dominação (de propriedade). Desigualmente, o espaço ata aspectos da prática coordenando-os numa 'prática' inventada, ou seja, uma história do espaço ainda por registrar.

O estudo do espaço nos aproxima do que os jovens entendem como/do território em suas relações geográficas, nos aglomerados metropolitanos, com a droga. Para tanto, foram selecionados os depoimentos de jovens pertencentes ao Aglomerado Santa Lúcia, localizado na Zona Sul de Belo Horizonte, que conta com cinco vilas: Barragem Santa Lúcia na porção Sul, Vila Esperança (Bicão) e Vila São Bento (Carrapato) a Oeste, Vila Santa Rita de Cássia (Morro do Papagaio) ao Norte e Vila Estrela, a Leste. Em 2000, o aglomerado abrigava 35 mil pessoas, compreendendo a terceira geração de moradores nascidos em Belo Horizonte e descendentes de imigrantes do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha (1950-70). A ocupação dessa área teve início na década de 1950, pois a criação do bairro Cidade Jardim, voltado às classes abastadas, e a construção da Avenida Prudente de Morais tornaram necessária a contratação de trabalhadores, tanto para as obras, quanto, posteriormente, para as residências (FERNANDES, 2005).

De acordo com Henri Lefebvre em *A produção do espaço* (2000), o termo 'espaço' não pode ser evocado

como uma abstração, um recipiente sem conteúdo. Sua repartição, sua fragmentação conforme postulados metodológicos tais como o geográfico, o sociológico, o histórico etc., o simplificam. O conceito de espaço reúne o mental e o cultural, o social e o histórico. A 'prática espacial' de uma sociedade poderá então ser descoberta, decifrando seu espaço: a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida 'privada', dos lazeres). Em espaços 'ilegais', a exemplo dos aglomerados, essas 'realidades' podem entrar umas nas outras, para responderem a lógica do tráfico, que também é pautada no circuito capitalista. Assim, nessa atividade, Souza (2000) ressalta ser preciso compreender os envolvidos de pequeno e médio porte, os de varejo, tendo na mira os de atacado, operadores de subsistemas em vários pontos urbanos. No conjunto, eles detêm uma hierarquia que interpela atores num enredo de violência do manter/criar rotas de movimentação para as transações.

O espaço poderia ser 'concebido', em certos contextos, como imaterialidade, a partir do cruzamento entre o 'percebido' das representações do espaço e o 'vivido-simbólico' dos espaços de representação (linguagem lefebvriana). Tendo em conta tais peculiaridades, o território, focado na sua dimensão política do espaço imbricado das relações de poder, exige o *momentum* da materialização por meio de uma prática social (HAESBAERT, 2009). As decisões sobre os usos e o destino de um território variam com os contextos econômicos, políticos, de conhecimento e redes de relações e poder. Neles, distintas visões sociais de mundo (LÖWY, 2002) expressam práticas sociais e materializam-se dialeticamente no espaço-tempo. O território encerra poder, não apenas ao tradicional 'poder político' e sim ao poder mais concreto, de dominação, e ao poder mais simbólico, de apropriação. Lefebvre (2000) distingue a apropriação da dominação ('possessão', 'propriedade'). A apropriação, um processo muito mais simbólico, é carregado de marcas do 'vivido', do valor de uso. A dominação, mais concreta e funcional, vincula-se ao valor de troca.

O território, como 'espaço-tempo vivido', é sempre múltiplo, 'diverso e complexo', ao contrário do território 'unifuncional' proposto pela lógica capitalista hegemônica (HAESBAERT, 2005). O território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "[...] desdobra-se ao longo de um 'continuum' que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica" (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

O conceito de território não se limita à apropriação, embora, por vezes, com ela se identifique, e muito menos à posse individual. Controla-se uma 'área geográfica', ou seja, o 'território', visando "[...] atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos [...]" (SACK, 1986 apud HAESBAERT, 2005, p. 6776). O território e os processos de desterritorialização devem ser distinguidos por meio dos sujeitos que efetivamente exercem poder, controlam esse(s) espaço(s) e, por conseguinte, os processos sociais que o(s) compõe(m). O ponto crucial é aquele das relações sociais enquanto relações de poder. Assim, o território e seus processos compreendem territorialidades que incorporam as relações econômicas e culturais que as pessoas estabelecem na organização do espaço e dão significado ao lugar. A territorialidade, como uma componente do poder, não é apenas meio para criar e manter a ordem, é estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico por meio do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK, 1986 apud HAESBAERT, 2005).

A hierarquia em uma dada territorialidade aspira à manutenção das relações entre dominante e dominado cujas normas e comportamentos conservem a ordem social. A inconformidade com tal dominação pode advir do identificar o território com o espaço vivido, subjetivo, para além de formas visíveis no espaço, quando certos grupos tomam consciência de si. Entretanto, os limites físicos do território assumem valor ao imbricarem o sentimento de pertença, pelo que distinguem o interno do externo. Antes de se exprimir pela ligação a um determinado lugar, a territorialidade é fundamentalmente uma relação entre os homens. Ela se expressa no 'continuum' entre a funcionalidade e o simbolismo que possuem os seguintes elementos no território funcional: processos de Dominação, 'Territórios da desigualdade', Território sem territorialidade (empiricamente impossível), Princípio da exclusividade (no seu extremo, unifuncionalidade), e Território como recurso, valor de troca (controle físico, produção, lucro). Já no território simbólico as singularidades são: Processos de Apropriação (segundo LEFEBVRE, 2000), 'Territórios da diferença', Territorialidade sem território (ex.: 'Terra Prometida' dos judeus); Princípio da multiplicidade (no seu extremo, múltiplas identidades), e Território como símbolo, valor simbólico, ('abrigo', 'lar', segurança afetiva) (HAESBAERT, 2005).

Na análise das formas de apropriação/vivência diferencial dos territórios pelos jovens do

aglomerado Santa Lúcia percebe-se que, cotidianamente, eles vivem submetidos a dois códigos de conduta: um definido e imposto pelo mundo do crime e outro referendado pela sociedade vigente. Em relação ao território funcional, a premissa, para esses jovens, é compartilhar os lugares habitados com os envolvidos na atividade do tráfico. A estruturação de um código moral próprio exige lealdade, respeito mútuo, uma verdadeira comunhão de interesses. Assim, o território favorecerá o acordo, combinando o funcional e o simbólico, ao exercer domínio sobre o espaço, tanto para realizar 'funções' quanto para produzir 'significados'. O território, a começar por seu uso, posse e apropriação efetiva como recurso, proteção ou abrigo ('lar' para o nosso repouso), como fonte de 'recursos naturais' – 'matérias-primas' - varia em importância, conforme o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s), a exemplo do petróleo, no atual modelo energético capitalista.

As sociedades, ao produzirem seus espaços, valorizam ou desvalorizam certas porções do território que vão ser apropriadas por diferentes atores sociais. A configuração territorial detém "[...] uma existência material própria, mas a sua existência social, isto é, a existência real, somente lhe é dada pelas relações sociais [...]" (SANTOS, 1996, p. 51) e esse conjunto de relações expressa uma 'configuração geográfica. No território, uma classificação que ao mesmo tempo exclui e inclui qualifica o espaço e cria pares diferenciais: submissão/subversão e valorização/desvalorização, que desembocam em lutas territoriais voltadas a modificar seus limites, sua dinâmica, suas regras ou seus valores (GOMES, 2002).

Práticas, simbioses e disjunções no aglomerado Santa Lúcia

Uma primeira observação que aflora dos relatos dos jovens alia as experiências das situações efetivas de vida implica no onde morar e com quem morar. O ato de 'habitar' está na base da construção do sentido da vida, nos modos de apropriação dos lugares da cidade, a partir da casa. O habitar abrevia-se em habitat[1] (LEFEBVRE, 1999), já que as relações com a terra, a vizinhança e a sociabilidade, ainda não restituídas, sofrem com o esfacelamento do cotidiano, da experiência, com os movimentos programados pelos tempos e espaços abstratos da produção mercantil.

[1]Lefebvre opõe os conceitos de habitar e habitat: "No final do século XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente redutor, pôs de lado e literalmente entre parêntese o habitar. Ele concebeu o habitat, função simplificada, restringindo o ser humano a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. Nem ao menos se pode dizer que os atos funcionais elementares sejam animais. A animalidade tem uma espontaneidade mais complexa" (LEFEBVRE, 1999, p. 80).

O ato de habitar significa produzir uma 'pequena história', construída nos lugares comuns, por sujeitos comuns, na vida cotidiana (CARLOS, 2003). Os jovens interlocutores identificam a rua (onde tudo acontece ou pode acontecer) por meio de uma linguagem voltada a dar unidade ao grupo e a permitir a diferenciação com os de fora, distinguindo vestuário, gestos e códigos, que se tornam os elementos de identificação entre eles:

> Pesquisador 1: Você também mora na rua?
> Jovem 1: Moro, todo mundo mora. (Falam das tatuagens iguais, das correntes.)
> Pesquisador 1: Que interessante! Aí fica fácil de identificar mesmo.

A rua, enquanto possibilidade do encontro que explicita o cotidiano, muitas vezes implícito, indica a concentração de tempos/espaço na fala do Jovem 1: "Isso aqui lota, o bar fica cheio de gente aqui e o pessoal fica na rua aí". Outras práticas confluem para agregar um maior número de pontos, 'quebradinhas' [pequenos núcleos, clareiras], e gerações cujas demandas apelam para a necessidade de criação de espaços:

> Pesquisador 1: Como assim, não tem nada? Tipo projeto? Tem projeto aqui?
> Jovem 2: Tipo tem um projeto aí, mas fica lá no meio do morro, onde a gente não pode ir. Em vez deles fazer um em cada quebradinha [pequenos núcleos, clareiras]. [...] [inserção da autora]
> Jovem 3: Eles podia fazer uma quadra pra nós lá.
> Jovem 4: Se tivesse uma quadra aqui pra nós, era bom demais.
> Pesquisador 1: Se tivesse quadra aqui, qual a diferença que ia fazer?
> Jovem 3: A gente joga bola todo dia aqui na rua ou faz um churrasquinho aí na rua mesmo, vem as crianças e é a mesma coisa.
> Jovem 5: Joga uma bola aí na rua aê.

As contradições e enfrentamentos presentes no território pelos pares – exclusão/inclusão, submissão/subversão e valorização/desvalorização - sublevam a rua como contraposição. A rua concomitantemente é espaço do inimigo, que está vigilante, eis que é ameaça e controle e carece de patrulha:

> Jovem 6: Era difícil sair daqui pra estudar, sair daqui 5:30 h da manhã, a pé, como daqui lá no centro da cidade.
> Pesquisador 1: Me conta, vocês estão na porta da rua, mesmo assim é perigoso?
> Jovem 6: É perigoso.
> Pesquisador 1: Ir pra uma escola longe daqui, por exemplo.
> Jovem 5: Porque você não vê né, véio. Vê você saindo todo dia daquele lugar. O que mais tem é escola, ainda mais daqui de dentro.

> Jovem 8: Isso daqui é rastreamento total de onde você vai. [acompanhamento]
> Pesquisador 1: Se você vai pra escola tem horário de saída e de chegada.
> Jovem 9: Todo dia o cara vai vendo você passando ali, naquele horário ali. Aí um dia eles descobre você, até o lugar que você vai e te cerca.
> Pesquisador 2: Mas por que isso?
> Jovem 8: É grande, a inveja, muita fita. [ostentação]
> Pesquisador 1: Então só se sair daqui pra outra vida, né?
> Jovem 8: Isso aqui é cadeia ou morte mesmo.

Os gestos, vigiados por uma atenção silenciosa e descomprometida e/ou comprometida, guardam nos movimentos no espaço mensagens simultâneas de paz e de guerra. A submissão contrapõe ritmos e concepções de mundos, que se comunicam de alguma forma, como declarado pelo Jovem 15: 'mudou por uma coisa chamada celular', que controla a mobilidade e dispersão pelo espaço, o ritmo de deslocamento, a frequência, a velocidade, e culmina, segundo o Jovem 8, no 'rastreamento total de onde você vai'. Não fica evidente onde estão os 'vigias', mas há uma ordem subliminar, uma analogia com *La Medusa* de *Caravaggio* – o olhar segue os transeuntes sob uma larga visada. Nesse espectro, sua expressão de espanto sem se perder serve para intimidar quaisquer passos imprevistos. Esses jovens interlocutores sabem/desconfiam dos limites do território, já que as normas não se materializam em um vácuo social. Os territórios em disputa, atreitos à força e à luta, interpenetram-se das relações sociais de demarcação, separação e fixação de zonas vulneráveis, referidos por: Bicão, no Morro tem, Formiga tem, lá no Tarde azul – mostrando que: "[...] a produção territorial combina sempre, malhas, nós e redes" (RAFFESTIN , 1988, p. 144).

No espaço do aglomerado Santa Lúcia subjaz poder, domínio, prestígio, cuja origem e expansão pulverizam-se em inúmeros pequenos núcleos, as quebradas. Para os usuários dos territórios, a violência física caracteriza os segmentos e media seus espaços de vida. Ela retraça fronteiras, redistribui e reordena, material e simbolicamente, relações, ações e modos de vida. Há então uma autodefesa contra a opressão e o autoritarismo, a partir de forças simbólicas de classificação, de nomeação e convocação:

> Jovem 4: Porque é nóis que controla lá, uê. Opção dos arrasados, [derrotados] não é não? Por causa que aquele lugar lá, os inimigo pira [amalucar-se] e acha que a gente vai ficar olhando pra eles e rindo? Nós pula neles mesmo, na alta [auge do efeito da droga]. Até matar eles lá, filho da puta.
> Pesquisador 1: Inimigo de quê?
> Jovem 4: De guerra.
> Pesquisador 1: De trabalho?
> Jovem 4: Não, de guerra mesmo. Se nós trombar, [chocar] pode esperar.

Numa situação de controle e de desfecho certeiro, eles sabem as normas das ruas, do seu espaço imediato e, precariamente, criam um mundo em miniatura, que deve:

> Jovem 7: Evitar de ficar panguando [circular a esmo] na rua, ficar andando pra lá e pra cá, evitar de ir na quebrada, sem ficar pra lá e ficar pra cá, mas a qualquer momento, 'Opa! Boiou!'[foi morto]. Nós tamo aqui, tamo panguando, às vezes pode ser até daqui mesmo. 'Ó, os cara tão panguando!', aí chega e quebra nós tudo aqui. A mesma coisa é eles, eles estão lá.

A falta de liberdade e a inexistência de territórios de refúgio evidentes incitam o esconder, como menciona o Jovem 15: "Ela não saía prá lugar nenhum" por vontade própria, nem por imposição. Nem todos estão dispostos a ousar e a "[...] arrastar uma existência semivegetativa e subserviente e acham que o que vale é viver pouco" (SOUZA, 2000, p. 67).

Numa escala demarcável do território, o uso recusado converge para agressões e/ou forte violência, inflando o estigma do morro atrelado aos estereótipos cunhados a partir da truculência das instituições, e revela a indignação:

> Jovem 2: Só que de vez em quando tem umas coisa aí que é foda, a gente tá de boa, aí assim a polícia vem incomodar, vê a gente demais, eles acham que a gente é o cara, tudo o que acontece no morro eles acham que é a gente, tudo o que acontece aqui, pode ser lá pra baixo que eles vem aqui.
> Pesquisador 1: Mesmo quando não tem nada a ver com vocês?
> Jovem 2: Mesmo quando não tem nada a ver com nóis, mas eles vêm. Apesar de que nóis não tá zuando [perturbar, desdenhar] o morro não, nóis fez uma fita ai o que é o seguinte: os cara não vêm aqui e nóis não vai lá, entendeu? Na paz, o morro tá tranquilo, se todo mundo tivesse essa mentalidade e pensasse assim, não tava essa confusão, essa coisa assim, porque se depender de nóis a gente não zoa ninguém não, só que os cara fica zuando aí, pagando aí de bom, só que na real fica é feio porque a meta nossa mesmo é ficar de boa, andar de motoca.
> Pesquisador 1: Curtir a vida, né?
> Jovem 2: Melhor que essas coisas aí.

O narcotráfico, eixo significativo de ordenação das experiências dos jovens entrevistados, delineia e dá significação à sua presença no aglomerado e à história daqueles que sobrevivem face aos enfrentamentos e necessidades de 'administrar' áreas. A narrativa opõe encantamento e assombro, ordem/desordem construtivas marcadas por uma

história social e espontaneamente afinadas à íntima relação com o lugar, a exemplo dos lugares de encontro: escola, quadra, morro. A ameaça/violência pode conduzir ao desejo de obter produtos da urbanização:

> Jovem 4 : Começar a matar pra reivindicar uma quadra aqui, entrar nessas quadras aí e matar uns 2, 3 de cada quadra da favela aí, ô!; Como é que eles conseguiram?...Esses filhos da puta aí da justiça, da eleição aí. Eu fico imaginando, um dia podia trocar, igual aquele programa troca de família, eles vim pra cá passar uma semana aí, pra ver como que é esse lugar aqui. É bom demais! É melhor do que dos ricos! Tem movimento segunda, terça, quarta, quinta, sexta é movimento, nesses prédios aí não tem nada, vivem sem...

As diferenças de classe e de condição de vida afeitas às falas apontam o tratamento dispensado a eles, derivado da localização espacial, aproximando-se da colocação de Haesbaert (2009) de que 'um dado espaço já nos identifica socialmente':

> Jovem 2: Também a diferença que tem da gente que mora na favela e os de classe média é tipo assim, por causa dos rico, rico tipo assim vai preso ali agora armado, fumando, nem algemado eles não é não, nós não, se nóis for preso com um baseadinho.
> Jovem 1: Ele entra ali, sai pela outra porta e vai embora, tem dinheiro, né? Pega um de nós com um fino de bagulha [droga] e uma bala de calibre 22 eles vão querer o revólver pra começar, aí vai bater muito.
> Jovem 2: O rico não.
> Pesquisador 1: Então tem essa diferença?
> Jovem 1: É lógico que tem. Brasil, quem tem dinheiro vive, quem não tem corre, se pegar e você não tem dinheiro, aí é coro [ato de maltratar por meio de pancadas, sova].

A fronteira, linha de divisão entre equilíbrios instáveis, engendra a zona e torna-se território e não limite. A fronteira, ao mesmo tempo zona de contacto, lugar de encontro e ponto de partida (HISSA, 2002), desencadeia a circulação, marca. Em momentos de invasão, a transgressão predomina e demanda estratégias cujas práticas de convivência devem lidar com:

> Pesquisador 2: O que determina o limite dos lugares?
> Jovem 7: A gente mesmo, você sabe até onde você vai, você sabe até aonde é seu limite. Às vezes você passa, vai até onde você não pode, vai até no canal...
> Jovem 5: Aí os cara fala: Volta!
> Jovem 7: Volta, mas meio bolado assim, atrai muito a mente da gente, a droga, o pó, a bebida eu falo, por exemplo, porque eu sou assim. Toma uma ali e pá [pronto]! Depois toma outra, beleza! Depois de uns três, quatro teco [droga], vou dar um rolé ali em cima. Pra quê? Pra dá um rolé [pequeno passeio] uê! Colé [qual é], Fulano! Beleza? Tem muitos inimigos, mas tem muitos que gostam da gente, tem muitos que a gente conhece, igualzinho a polícia, eles fala: 'Vou pegar', entendeu? Ela entra na favela e não vai pegar qualquer um não. Aqui tem dezenas de trabalhador e dez bandido, entendeu? Vai querer caçar os bandido, não vai entrar na casa de qualquer um.

As territorialidades citadas têm se constituído de processos com histórias únicas, singulares e assimétricas. O território é produzido e mantido por 'formas de controle', de "[...] normatização de usos, de atitudes e comportamentos" (GOMES, 2002, p. 12) ou é contestado pela resistência e mobilização social, que se manifestam reativa e inventivamente.

Vivenciar múltiplas modalidades de territórios pode favorecer uma nova 'experiência espacial integrada', uma experiência de multiterritorialidade que necessita discernir os agentes que promovem a multiterritorialização, distinguindo seus objetivos, estratégias e escalas, sejam eles indivíduos, grupos, instituições, o Estado ou as empresas (HAESBAERT, 2005). A multiterritorialidade nos depoimentos traz possibilidades e impossibilidades de apropriação e uso do território, com elementos espaciais/produtos da urbanização ligados à economia política do espaço: a creche, prédios, quadra e posto de saúde, como esclarecem o Jovem 4: "Ali tem um espação que demoliram ali, ali mesmo já dá pra fazer uma quadra" e o Jovem 2: "[...] dá pra fazer uma quadra lá, colocar arquibancada ainda." Ou então os jovens se remetem aos elementos genéricos como morro, aglomerado, rua, laje, bar, casa, lugar, território, favela. Quanto às instituições, programas e parentesco identificados nas narrativas, com os quais possuem conhecimento sobre sua atuação e/ou vínculos, ressaltam-se a polícia, creche, posto de saúde, programa Fica Vivo, líder comunitário, família, irmãos, mãe, avó, parceiros. Essas menções coadunam com a compreensão de que

> [...] pensar multiterritorialmente é a única perspectiva para se construir uma outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecedora das diferenças humanas (HAESBAERT, 2005, p. 6791).

As práticas espaciais pressupõem um conhecimento mesmo que parcial ou deformado dos códigos culturais dominantes neste território tutelado. A população local parece negociar as práticas cotidianas e forjar um direito[2] local ou se

[2]Segundo Chauí (1994, p. 28), um direito difere-se de uma necessidade ou carência, como também de um interesse. "Uma carência é sempre específica e particular, não conseguindo generalizar-se num interesse comum nem

sujeita a concessões? As obrigações mútuas e os códigos e regras de conduta impostas pelos moradores aos jovens envolvidos são fundamentais para compreendermos como os primeiros lá permaneceram:

> Jovem 1: Aqui é o seguinte, se faz mal pro mano ai, faz mal pra mim, se faz mal pra esse aqui, ó, faz mal pra mim também, se faz mal pra mim faz mal pra eles também, igual eu tô te falando família, quem quer mal pra um quer mal pra todos, quem pisar na bola com um, pisa na bola [promover transtornos] com todos. Aqui não tem essa de pisar na bola e vim outro passar pano [tentar resolver o conflito] não, entendeu? Porque o pano rasga! Entendeu?: 'Aí achou que os inimigos dele tava fechando com nós [concordando e aceitando o outro grupo], entendeu? Só que não tinha nada a ver, o cara veio consumir, aqui vende, ai o cara veio, comprou, consumiu aqui e foi embora, só que para alguns inimigos, desses cara que tava vindo aqui, dando lucro aqui, tava intrujando [negociando], 'não eles tão intrujando, tão fazendo parceria', pra derrubar nós, no caso eles, aí só mandou o recado. Se continuar colando [se sujeitando] aí vai fechar a guerra, aí falou que ninguém quer fechar amizade com ninguém não, ninguém aqui vai terminar amizade com o cara aqui porque vocês querem não moço, se é pra ter guerra vem guerra, há quanto tempo já? Quantos já morreu nessa?
> Pesquisador 1: Ele falou que tem geração de antes dele, não é?
> Jovem 1: Ixii! Só que eu conheço aqui tem dez anos, eu tenho 29, só que eu conheço aqui, antes deu conhecer aqui.

Outro exemplo de circulação no tempo livre e de encontro com os outros:

> Pesquisador 1: Vocês saem pouco?
> Jovem 4 : Ah, sair nós sai.
> Jovem 7: Não, eu sou o único aqui que sai pouco.... Baile *funk* nós vamos todos. Só eu que fico mais aqui. Eu já gostei, mas só que é foda.
> Pesquisador 1: O Blu vai?
> Jovem 7: O Blu? Já foi.
> Jovem 6: Já fui em muitos, mas agora não vou mais não.

Uma analogia entre o poder político apontado por Lefebvre (2000)[3] e a violência, como signo, enquanto produto ideológico no sentido atribuído por Bakhtin (1992) assim se apresenta no aglomerado Santa Lúcia:

> Jovem 7: Meu itinerário é só aqui e o beco dos ratos.
> Pesquisador 1: Mas vocês estão na rua! Vocês estão na rua, não dá para sair?
> Jovem 7: O probrema é eles vim pro lado de cá, eles pega mais pesado. Eles combate com nóis e com a polícia.
> Pesquisador 1: O que deve ser pesado é você não ter liberdade para escolher ou vocês não querem?
> Jovem 8: Eu sou o tipo do cara que sai pra qualquer lugar. Se eu parar para pensar nos inimigos, eu nunca vou curtir não.
> Jovem 7: Não tem jeito.
> Jovem 7 e 8: Se eu vou no centro tomar uma cerveja, eu até esqueço, sabe o por quê? Se eu for ficar pensando só nos meus inimigos, inimigos, eu não vou curtir não. *Mc Donald's* eu sou a fim de ir com a dona Maria, minha esposa, zoológico, mas como vai? (Falam juntos.)
> Jovem 8: Tipo assim, sou a fim de ir lá no parque, de ir lá curtir com ela lá. Mas aí eu fico pensando 'tô com ela lá, aí vem os cara e pega nós três'.

A rua, como universo masculino (GUIMARÃES, 1998), parece ter mudado. Ela não seria mais

> [...] o espaço de vida dos rapazes, lugar onde elaboram seus padrões de virilidade, a identidade masculina, o pertencimento à 'turma' e ao grupo social de origem e o aprendizado do trabalho (GUIMARÃES, 1998, p. 97),

pois concessões para as meninas, entrementes a um código de conduta, anunciam:

> Jovem 10: Os cara corta o cabelo dela.
> Pesquisador 2: Então para as meninas é diferente, pode circular mais do que para os meninos?
> Jovem 11: Só que eles não deixa.
> Pesquisador 1: Fica de olho?
> Pesquisador 3: Mas como é esse negócio, quem é daqui não pode ir para outros lugares? Mas eu não estou falando de vocês não, vocês têm guerra, mas as meninas não tem, por exemplo.
> Jovem 10: Mas se elas for lá elas fofoca, faz o leva e traz.
> Jovem 11: Eu não vou pra lá, eu só vou... se for pra andar pra lá e pra escola. Por que todo dia que eu vou para a escola eu tenho que ir para o lado de lá.

A violência com armas de fogo (GUIMARÃES, 1998, p. 11) expressa um autoritarismo exacerbado intimidando os membros dos próprios grupos e as demais pessoas. Ao refletir sobre a natureza dos poderes humanos, no que concerne à vulnerabilidade e à incerteza, Bauman observa:

universalizar-se num direito sem deixar de ser privilégio. Um privilégio é sempre particular e específico, não pode generalizar-se num interesse comum nem universalizar-se num direito sem deixar de ser privilégio. [...] Um direito, ao contrário de necessidades, carências e interesses, não é particular e específico, [...] [mas] válido para todos os indivíduos, grupos e classes sociais. [...] A democracia funda-se na criação, reconhecimento, garantia e consolidação de direitos. O autoritarismo social e a divisão econômica sob a forma da carência e do privilégio bloqueiam a emergência de uma sociedade democrática".

[3] "O poder político não é, enquanto poder político, produtor de espaço: mas ele o reproduz, enquanto lugar e meio da reprodução das relações sociais (que lhe são confiadas). No espaço do poder, o poder não aparece como tal; ele se dissimula sob 'a organização do espaço'. Ele elide, ele alude, ele evacua. A que? A tudo o que se opõe. Pela violência inerente, e se esta violência latente não é suficiente, pela violência aberta" (LEFEBVRE, 2000, p. 370).

> [...] são duas qualidades da condição humana a partir das quais se molda o 'medo oficial': o medo do poder humano, do poder criado e manipulado pelo homem. Esse 'medo oficial' é construído segundo o padrão do poder inumano refletido pelo [ou melhor, que emana do 'medo cósmico'[4] (BAUMAN, 2005, p. 61).

A violência decorre de o tráfico não dispor dos instrumentos jurídicos garantidores de eventuais 'contratos firmados', nem da lealdade irrestrita própria de certas relações de mando. Assim, ela tende a suprir funções e 'serviços' que caberiam ao Estado:

> Pesquisador 1: Tem alguém que faz circular a informação?
> Jovem 12: Líder comunitário, alguma liderança?
> Jovem 2: Fala o nome de alguém. Tem um líder comunitário aqui.
> Jovem 4: Agora, o líder comunitário da favela aqui é nós. O próprio líder comunitário precisa de nós, precisa pedir nós, tá ligado?

Assim, o papel ordenador e punitivo de protetor/benfeitor emerge como condição à sobrevivência. Moradores e jovens acedem a certas exigências, configuradas por acordos tácitos ou explícitos com os chefes, a fim de evitar a exibição de armas de fogo, os constrangimentos, as disputas entre rivais, as abordagens diretas e ostensivas de cerco e de sítio, a produção de situações de confronto. Os bailes, por exemplo, são propícios à exibição e ao enfrentamento:

> Jovem 6: Já fui em muitos, mas agora não vou mais não.
> Pesquisador 1: O que tá rolando [acontecendo]?
> Jovem 7: Igual eu tava falando com ela, tá faltando união, junta mais, junta aí mano, vamos todo mundo unido.
> Pesquisador 1: O que provoca desunião, mano?
> Jovem 7: Igual quando o rolo[caso] do D. Igual todo mundo tava lá, agora ele tá preso e é outra fita. Era um que enrolava com o outro, que enrolava com o outro, aí o menino rodou [foi morto] e fica daquele jeito. É cada um com um revólver na cintura olhando de cara feia pro outro. Ocê não vai ficar mostrando a cara né véio?

Grande parte dos jovens hoje se relaciona com a violência por meio do consumo de 'grande quantidade de violência imaginária' não menos flagrante, mas mais difícil de combater:

> Jovem 1: Com certeza na favela não existe lei, a lei mesmo não existe na favela.
> Pesquisador 1: Então como é a lei aqui na favela?
> Jovem 1: O que você quer saber? A lei verdadeira ou a lei de quem mora? Porque falar pra você a verdade quem faz a lei aqui somos nós. Se manda matar aqui nós manda matar ali embaixo também, porque quem faz a lei aqui somos nós, se mandar cortar o braço, corta o braço, você só vai ficar sem o braço né?
> Pesquisador 1: Então a lei que era para proteger não protege.
> Jovem 1: A lei verdadeira iria proteger mesmo se você falasse assim: 'aqui fui abusado sexualmente pelo meu padrasto'. Eles iam lá e prendiam o cara. Agora vou te fazer uma pergunta: você acha que o morador que se sente oprimido procura a polícia? Procura não. Tipo assim rolou um tumulto de família ali em cima.
> Jovem 4: É tiro aí, é gente correndo pra todo lado e tá até hoje, quem começou mesmo já não está mais na favela.
> Pesquisador 1: Ele era daqui ou de outro lugar?
> Jovem 4: Daqui.
> Pesquisador 1: Não, falo se ele é do morro ou da rua.
> Jovem 4: Do morro, só que de outra quebrada. Da Tarde Azul.
> Jovem 1/4: Aqui a vida é louca, pra fora é mais. Cê acha que às vezes fala as coisas e que a pessoa vai te entender, ela não vai entender não. (Falam juntos.) Aqui na quebrada, depois que você passou do centro pra lá, a gente já não é mais ninguém. Nós tem que ser o que nós somos aqui.
> Jovem 4: Tem que ser você mesmo pra onde que você vai.

Os registros parecem descolar 'representação e realidade' não do que os jovens não são, mas daquilo para o qual são programados, no caso de quererem circular/sobreviver. Os limites, e talvez as fronteiras, guardam leis tácitas para todos:

> Jovem 1: Não é da guerra não, mudar, arrumar um serviço fichado, curtir mais a minha filha, a minha família, entendeu? Pegar a minha filha e dá um rolé com ela no *Mc Donald's*... Penso em mudar, mas não sair da minha quebrada, arrumar um emprego. Tipo assim, eu penso na minha filha, é a mesma coisa, vamos supor...

A lei do mais forte, da própria territorialidade, interdita a privacidade e deve ser por todos partilhada. O fio da balança se manifesta com o Jovem 2: "Porque se depender de nóis a gente não zoa ninguém não [...]" e o Jovem 13: "É morador, uê, morador com morador, como você trata um morador mal se você mora na sociedade, não tem como não, uê." E para perceber a inserção institucional, a 'invasão', eles declaram:

> Jovem 2: Não mudou muito, só que agora depois que eles pôs o batalhão ali embaixo que mudou o morro mais, mas é o seguinte, antigamente o bicho pegava [a confusão ocorria] mais sô, antes era a gente

[4] O medo cósmico para Bakhtin: "[...] em face do incomensuravelmente grande e do incomensuravelmente poderoso: em face do céu estrelado, da massa física das montanhas, do mar, e do medo de convulsões cósmicas e desastres naturais ... O medo cósmico [é] fundamentalmente não místico no sentido estrito (sendo um dedo diante do poder materialmente grande e materialmente indefinível) [...]". (BAKHTIN, 1968 apud BAUMAN, 2005, p. 61).

> de cá dava 70 tiros, e a gangue de lá dava 70 tiros também. As casas aqui era tudo marcada de bala, ocê tava debaixo da cama assim caía era chumbo pertinho.
> Pesquisador 1: É mesmo? Mas de graça?
> Jovem 4: É! Tem uns aí que entra de graça, morre e nem sabe o porquê.
> Jovem 2: Se encontra morre mesmo. Pra você ter ideia, não precisa tá em guerra não. Eu cheguei aqui, parei aqui perto dele, conversei e eles vêm já também. Não precisa ter guerra com ninguém não, só deu tá conversando com ele, tá perto dele já tô envolvido com o tráfico também.

A invasão incita a dúvida sobre se seria possível, no aglomerado, contrapor um conteúdo de ousadia e esnobismo. Jovem 2:

> Não, até que é tranquilo. Até que em uma parte aqui no morro que nós anda tudo, a metade do morro praticamente a gente anda tudo, tudo de motoca, só uma três pra cima e umas duas pra baixo que a gente não anda.

Ou seja, ele mesmo delimita os limites e explica que, com a moto, a velocidade da fuga é maior.

A forte violência física não é algo constante; nota-se certa 'cultura da evitação':

> Jovem 13: Por que vamos supor igual o magrinho, ele tava fazendo o corre [atividade ilícita para manter a sobrevivência], o corre dele, tava precisando, tava na necessidade, o corre dele.
> Pesquisador 1: É diferente.
> Jovem 13: É.
> Pesquisador 1: Não nenhum morador?
> Jovem 2: É! E também eu tô pegando também de quem tem né? Não é de quem não tem, eu não vou roubar dentro da favela e tipo assim hoje em dia eu não faço isso mais.

O clima nem sempre é cordial e, se há provocação, há resposta. A invasão 'das gentes de cá' com tiros de cada lado indica que não se admite hesitações ou exposições inocentes:

> Jovem 2: Não, mas só que nós não gosta de ficar trocando tiro esses trem não, nós aqui não gosta muito de ficar trocando tiro com os outros não, nós tamo tentando por a paz no morro entendeu? Se eles não vim zuar [incomodar] nós, nós não vamos ir zuar eles. Se todo mundo pensasse igual nós, no seu filho, na sua mulher, na sua motinha ou seu carrinho, curtir a vida a pompa, tranquilo, a nossa meta é essa viver aqui tranquilo, se ficar dando tiro ai isso nunca vai acabar, é melhor um viver pra lá e outro pra cá, um não ir na área do outro, nós gosta é disso aí, um não ir na área do outro. Só que tem hora que os cara são atrividinho, aí vem perto da área e a gente tem que ir perto da dele também, senão eles acham que nós tamo dando mole.
> Jovem 1: Só que a questão é a seguinte, os cara passa perto e nós vai lá na área do cara, mano.
> Jovem 2: Só que os cara passa perto e nós vamo lá dentro, só que eu vou te dar ideia de outra coisa também, mas nós aqui somos o mais quieto, eles lá fazem coisa de muita safadeza.

A posição diferente do outro bando poderia ser considerada defensiva? Os jovens denotam estarem isentos, todavia, quando provocados, por questão quase de 'honra' e de força na hierarquia dos mandos e bandos, devem replicar:

> Jovem 1: Nós aqui somos o mais quieto, eles lá fazem coisa de muita safadeza.
> Jovem 2: Neguim já chega atirando. Vou contar um caso pra você, chega: 'Ô fulano, vou chegar e matar mesmo, hein!'. Aí nós também vai e já fala com medo de nós morrer também nós já desce.
> Pesquisador 1: Então não dá para conversar.
> Jovem 4: A conversa dá.
> Jovem 2: É tatatatatatatatatatatata, até não aguentar.
> Pesquisador 1: Mas aí é uma coisa muito complicada, gente...
> Jovem 4: Perde muita coisa nessa guerra aí.
> Pesquisador 1: Como é que é?
> Jovem 4: Não dá para entender. Essa última aí mesmo, acho que começou foi em 2007, essa última aí com Paulo e com o Caio.
> Pesquisador 1: Atual?
> Jovem 4: Não. Rolou muita guerra, essa daí foi a última.
> Jovem 2: Essa aí é a mais, é até a mais...

A intimidação realizada espacialmente exige que não se possa transgredir nem vacilar. Estar em qualquer lugar já é ofertar um motivo para violência, sem necessariamente banalizar a vida e/ou cultuar as agressões e ofensas, que têm ressonância:

> Jovem 8: A gente, que tem guerra, só da gente colocar o pé ali na rua a gente já tá errado. A gente já dá motivo pros cara ali matar a gente.
> Pesquisador 1: É vida ou morte.
> Jovem 5: A gente só sai de casa de noite. O resto não sai andando nem fudendo, nem de ônibus.

Os territórios tornam-se 'famosos' pelo que geram em termos de retornos e 'bons negócios'. Eles se tornam mais conhecidos pelas ações/ganhos que abrigaram ou permitiram:

> Jovem 1: Aqui é mais mal falado. Eu acho que é porque aqui é considerado tipo o meio do morro, é um lugar que todo mundo conhece, é um lugar que não é de hoje que tem vagabundagem.
> Pesquisador 1: Por que vocês acham que aqui é mais famoso?
> Jovem 1: Porque aqui é o lugar, aqui é o ninho, aqui só tem o certo, não tem errado aqui, os bandido de outra quebrada, cê acha que os cara vem procurando um peso aí, peso é droga, cê acha que os cara vem procurando peso, munição, cê acha que eles vão caçar em outra quebrada aqui? Vai não, porque eles

> já ouviram falar que os cara são pilantra, são safado, mas vem aqui pra negociar e vai embora, outra coisa, o crime é podre, mas não admite falha não.
> Jovem 2: E outra coisa...
> Pesquisador 1: Essa é a diferença daqui?
> Jovem 1: Lógico, por isso que eles ficam daquele naipe [tipo], porque sabem que aqui rola nota, rola o movimento, sabe que aqui o povo é do certo e onde é certo sabe que tem dinheiro, eles querem dinheiro mano.

A região de nascimento dos jovens, bem como o risco, o desconhecimento/conhecimento do espaço e dos negócios, não obstaculizam a adesão de novos membros, atraídos pela notoriedade que 'ganham' com as práticas da atividade, e denunciam:

> Jovem 12: Então, quando o menino decide entrar sabe de todos esses riscos?
> Jovem 2: Sabe!
> Jovem 4: Claro que sabe.
> Pesquisador 1: Então, dependendo de onde você nasce aqui, você não tem muita saída não."
> Jovem 4: Tem não...
> Pesquisador1: Se você nasceu nessa região e não na outra.
> Jovem 2: Até que não, se você está com ele aqui e não intrujar [enganar, negociar] comigo até que tá tranquilo.
> Jovem 3: Fumar.
> Jovem 2: É, só não pode fumar, senão neguinho passa e fala: mais um novo lá.
> Jovem 5: Aqui é tipo um labirinto.
> Jovem 14: Quem entra é difícil sair, só quem sabe o caminho mesmo.

Essa situação pode ser melhor visualizada pelos caminhos, pelo arruamento e pela massa de casas, que se amontoam, favorecendo o esconderijo de inimigos:

> Pesquisador 1: Mas tem inimigo aqui na...
> Jovem 14: Não, não. Aqui é união. É o que eu falo, Bolívia, BR, rua H, Trancredo, vila, aí pra cima é geral. Nóis aqui é geral.
> Pesquisador 1: O que é geral?
> Jovem 14: É treta geral [enganar] com os cara. Não tem jeito. Igual eu falo procê, põe uma festa aí, pra nós ir é desse jeito.

O território, em sua constituição, leveda processos, relações e interesses que podem, portanto, conduzir ao triunfo ou à derrota.

Considerações finais

O processo de entendimento da relação pessoas/espaços é lento. O mundo vivido possui significados a serem descobertos, principalmente se atentarmos para as forças que atuam nos territórios durante a sua apropriação. A metrópole fragmenta e unifica ao mesmo tempo e, ao sintetizar certos processos e relações, demanda outros sentidos que são postos à prova. É imprescindível refinar a análise, aguçar a reflexão com inquéritos e observações de/em campo, esmiuçar mais e melhor as práticas e os usos dos espaços/territórios/lugares, diurna e noturnamente, face à diferenciação promovida pelas pessoas de suas 'formas-conteúdo'.

Na verdade, o mundo da droga é algo que não se pode ignorar, pois, em certos espaços urbanos, ela absorve cada vez mais o cotidiano dos jovens. Uma adolescência em conflito resulta no bloqueio do desenvolvimento socioespacial, minando a expansão das liberdades reais das pessoas. Pergunta-se: ainda é possível para esses jovens ligados ao tráfico a ocorrência de experiências diferentes, que derivem de sociabilidades, de alteridade, de relações outras não somente mercantis, e sim como direito e possibilidade de emancipação? Aqui, evidenciamos uma diversidade de projetos, uma pluralidade de interpelações e apelações expressas nos sentidos de apropriações dos territórios. Esses jovens, mergulhados nesses territórios 'voluntariamente', empregam seu tempo e espaço à atividade das drogas, mas, na essência, revelam o desejo de se tornarem integrantes de outro mundo e não apenas de serem marcados como refugo.

É preciso sorver a vida com avidez, pois como Clarice Lispector (1993, p. 74) sublinha, "[...]o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano". Embora cada vez mais pessoas lutem para sobreviver sem necessariamente existir.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M. **Rabelais and his world**. Cambridge: MIT Press, 1968.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

CHAUÍ, M. Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, E. (Org.). **Anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 19-30.

CHIRINO, G. **O sentimento da arquitetura**. Obras da Fondazione Giorgio e Isa de Chirico. Belo Horizonte: Casa Fiat de Cultura, 2012. (Exposição).

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERNANDES, C. V. **Conflitos de vizinhança no aglomerado do Santa Lúcia**: um estudo sobre a sociabilidade em um quadro urbano de vulnerabilidades. 2005. 46f. Monografia (Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUERRA, A. M. C.; PINHEIRO, M. C. **A incidência do pai na subjetividade do jovem envolvido com a criminalidade violenta**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. (Projeto de Pesquisa).

GUERRA, A. M. C.; FRANÇA NETO, O. Laço social e adolescência: o pai e a infração. **PSICO PUC RS**, v. 43, n. 4, p. 490-499, 2012.

GUIMARÃES, E. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

HAESBAERT, R. Da desterritorialidade à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. São Paulo. **Anais**... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 6774-6792.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HISSA, C. E. V. O limite da natureza: inventando o significado das coisas. In: HISSA, C. E. V. (Ed.). **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 19-25.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4éme éd. Paris: Anthropos, 2000.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem**, **ou, O livro dos prazeres**: romance. 19. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LÖWY, M. **Ideologias e ciência social**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-152.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1988. v. 29.

SACK, R. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, J. P. Cidadania e reconhecimento. In: AVRITZER, L.; DOMINGUES, J. M. (Org). **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 123-135.

SOUZA, M. L. **O desafio metropolitano**. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Received on June 21, 2013.
Accepted on January 15, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.